

---

## Considerações sobre a trajetória do conceito de defesa em Freud e sua retomada por Lacan<sup>1</sup>

### **Joselene Monteiro Silva**

Graduada em Psicologia / UFC (Ceará, Brasil)

Mestranda em Psicologia / UFC (Ceará, Brasil)

E-mail: [joselenemonteiro@yahoo.com.br](mailto:joselenemonteiro@yahoo.com.br)

### **Laéria Fontenele**

Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, atuando na graduação e pós-graduação em Psicologia (Ceará, Brasil)

Psicanalista

Graduação em Psicologia / UFC (Ceará, Brasil)

Mestrado em Sociologia / UFC (Ceará, Brasil)

Doutorado em Sociologia / UFC (Ceará, Brasil)

E-mail: [laeria@terra.com.br](mailto:laeria@terra.com.br)

---

### **Resumo**

O artigo apresenta a evolução do conceito de defesa na obra de Freud, suas relações com o modo de estruturação do psiquismo e produção sintomática e sua retomada no ensino de Lacan. Parte do estudo de textos pré-psicanalíticos para analisar as bases do conceito freudiano de defesa, então relacionado com a resistência tratada como reflexo clínico do recalque. Em seguida, examina as relações entre resistência e clínica analítica na primeira tópica e o papel do eu como promotor da defesa. Depois, o artigo se detém nos reflexos da segunda tópica no que se refere ao conceito de defesa. Finalmente, foca nas implicações clínicas do fracasso dos mecanismos de defesa causador de formações tais como sintomas e alterações do eu. Em Lacan, a defesa é tomada a partir de sua crítica aos pós-freudianos e à análise das defesas, além de seu entendimento do desejo constituído como uma defesa contra o gozo.

*Palavras-chave:* Clínica psicanalítica, defesa, resistência, gozo.

## Introdução

O conceito de defesa foi desenvolvido na teoria freudiana de modo essencialmente ligado à experiência psicanalítica. A sua teorização tem grande importância clínica, na medida em que foram as resistências, entendidas em um primeiro momento como reflexos clínicos da defesa, que mobilizaram as mudanças na técnica e, por conseguinte, as reformulações teóricas em torno da concepção de cura em sua relação ao proceder psíquico neurótico. Além disso, destaca-se o fato de que o conceito de defesa, a partir dos rearranjos teóricos e técnicos introduzidos por Freud a partir de 1919, foi apropriado de forma equivocada por diversos psicanalistas, o que gerou um tipo de prática baseada na análise das resistências do eu tendo por intuito o fortalecimento de suas defesas. Essa ênfase na relação entre eu e resistência deixou de lado o postulado freudiano segundo o qual tudo o que concorre para dificultar o processo analítico é uma resistência e sua perspectiva posterior relacionada com a concepção adjetiva de inconsciente<sup>2</sup>.

O principal objetivo deste trabalho é, portanto, retomar o conceito de defesa tal como foi sendo elaborado ao longo da obra freudiana e verificar as contribuições lacanianas para pensar os mecanismos defensivos tendo por intuito sistematizá-los. Este propósito busca contribuir para a reflexão acerca de como ele se apresenta refletido hoje nas concepções de cura analítica. Além disso, configura-se enquanto objetivo paralelo estudar como a defesa relaciona-se com outros conceitos, tais como recalque, eu, sintoma, desejo e gozo, além de pesquisar o que isso engendra em termos clínicos.

## As raízes do termo defesa

Para investigar os primórdios da utilização do termo defesa em Freud, faz-se necessário um retorno ao fenômeno clínico da histeria e às hipóteses sobre a etiologia das psiconeuroses. Para tanto, retomaremos alguns textos anteriores a 1900. A primeira utilização do termo “defesa” ocorreu no texto “Neuropsicoses de defesa” (1894). Entretanto, antes disso, Freud já se empenhava no sentido de compreender esse processo, embora ainda não tivesse sido nomeado como tal. O estudo das origens das concepções sobre defesa nos remete às suas investigações acerca do trauma.

Para Freud (1893, p.42), a lembrança traumática possui ação contínua e intensa, que não se desgasta com o tempo, pois não houve perda do afeto que nela está investido. O momento que marca o surgimento da doença é aquele no qual se dá alguma ocorrência sentida pelo indivíduo como incompatível com a sua vida psíquica, isto é, o eu do indivíduo “se confrontou com uma experiência, uma representação ou um

---

MONTEIRO SILVA, J.; FONTENELE, L. Considerações sobre a trajetória do conceito de defesa em Freud e sua retomada por Lacan. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VIII, n. 15, Nov./2012 a out./2013, p. 13-34. Disponível em [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_15/artigo\\_01.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_15/artigo_01.html)

sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo” (1894, p.55). É essa incompatibilidade entre o eu e uma representação (cujo recorrente cunho sexual já vem sendo notado por Freud), que torna necessária a “divisão de consciência”, ou seja, a criação de um segundo grupo psíquico cujo núcleo é recalcado – conceito que já havia sido exposto desde a “Comunicação preliminar” dos “Estudos sobre a Histeria” (1893).

Nesse momento inicial da concepção da defesa, este processo é tratado como um ato voluntário de afastar algo ajuizado como desprazer do psiquismo, o qual não pode ser considerado patológico, pois esse ato de esquecimento intencional é bem sucedido em diversas pessoas. Freud (1895a) inclui a defesa entre as tendências normais do indivíduo. A defesa primária é considerada, ao lado da atenção, como regra biológica e definida como um repúdio a manter investida a imagem mnêmica hostil da dor, isto é, evitar o desprazer. Contudo, não se pode ignorar as reações de adoecimento encontradas em diversos pacientes, que se devem ao esquecimento ocasionado pela “divisão de consciência” (1894, p.57).

O que determina o caráter patológico da defesa é o deslocamento, ou seja, a ideia produtora de desprazer é esquecida, mas outra representação (ligada simbolicamente à primeira) irrompe repetidamente na consciência sem motivo evidente e desencadeia o afeto aflitivo (Freud, 1895, p.405-6). Na tentativa de defender-se, o eu (nessa época assemelhado à consciência), se obriga a fazer algo de que não é capaz: erradicar o traço mnêmico e o afeto ligado à representação, “mas uma realização aproximada da tarefa se dá quando o eu transforma essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada” (1894, p.56). Para que a representação incompatível torne-se verdadeiramente inócua, é preciso que a soma de excitação que dela foi desvinculada seja utilizada de alguma forma, seja pela conversão, pelas falsas ligações das ideias obsessivas ou pela liberação de angústia.

Há ainda outro tipo de defesa que, segundo Freud, é mais poderosa e melhor sucedida do que naqueles casos em que a representação incompatível é separada de seu afeto. Nessa defesa, “o eu rejeita a representação incompatível juntamente com o seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (Freud, 1894, p.64). Quando isso acontece o sujeito fica em um estado de confusão alucinatória que pode ser classificado como psicose. Nesse processo de “fuga para a psicose”, o eu rompe com a representação incompatível, que está ligada a uma parte da realidade e, dessa forma, ele acaba por romper, seja total ou parcialmente, com a realidade.

Apesar de perceber que os mecanismos das patologias se diferenciavam entre si, Freud ainda não conseguia explicar o que determinava isso. Considerava que havia uma predisposição cuja origem era desconhecida, mas que na época era entendida como proveniente da hereditariedade. Freud (1895a), ao procurar compreender os processos de defesa normal e patológica, percebeu que, na verdade, teria que explicar todo o funcionamento do psiquismo, já que a defesa se relaciona com processos essenciais do mesmo. Baseado em sua experiência clínica, Freud (1895a, p.374) constatou que o recalçamento é invariavelmente aplicado a ideias provenientes da vida sexual do sujeito e que despertam no eu um afeto de desprazer. Estas ideias, contudo, não são realmente extintas, ou seja, não se trata de um processo cujo resultado é estanque. Torna-se necessário que a força recalçadora que atuou no passado continue sua ação através da resistência que é dirigida contra qualquer pensamento que tenha relação com o recalçado. Este processo é regulado pelo eu. Dessa forma, a defesa deixa de ser considerada como algo episódico, adquirindo um caráter contínuo, que tem como efeito a resistência evidenciada na clínica.

Ao retomar o tema da determinação do processo defensivo patológico, Freud (1896b) destituiu a hereditariedade do posto de causa mais importante e, por vezes, única, das neuroses, tal como era considerada pelos médicos da época. Em lugar disso, defende o papel determinante da sexualidade na causação tanto das neuroses atuais quanto das psiconeuroses de defesa, ressaltando que nestas o psiquismo assume papel essencial através da defesa contra as lembranças traumáticas de experiências sexuais reais ocorridas precocemente. No "Rascunho K" (1896a), reafirma a função essencial do processo de defesa para diferenciar as neuroses, desde o modo como se realiza o recalque, até o retorno do recalçado, que ocorre porque "os elementos recalçados não são aniquilados e tendem a reaparecer incessantemente na consciência" (Laplanche et Pontalis, 2001, p.463) e isso refletirá na formação de sintomas e no rumo tomado pela neurose.

É preciso ressaltar, ainda, que Freud, já nesse primeiro momento, como mostram os textos "Rascunho K" (1896a) e "Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa" (1896c), considera a possibilidade de ocorrer o recalçamento de uma lembrança de prazer, que recordada anos depois - quando já há uma censura mais formada no psiquismo - pode produzir desprazer. Assim, a questão de a defesa se processar no sentido de impedir a ocorrência de desprazer é mantida, desde que a magnitude do desprazer seja maior do que um possível prazer envolvido.

Em "Interpretação dos sonhos" (1900), as relações entre censura e defesa são evidenciadas por Freud, na medida em que tem uma função permanente de constituir

uma barreira seletiva entre os sistemas inconsciente, por um lado, e pré-consciente, por outro. A censura está, portanto, na origem do recalque (Laplanche et Pontalis, 2001, p.64). Nesse momento, a noção de censura é bem aproximada da de defesa, pelo papel por ela desempenhado na manutenção da integridade do eu. Na segunda tópica, a censura foi, por um lado, englobada ao campo mais amplo da defesa e, por outro, assemelhada às funções do eu e do supereu.

O esclarecimento dos mecanismos inconscientes e de suas formas de expressão possibilitou, cada vez mais, a redução da distância entre normalidade e patologia. Nesse primeiro momento de teorização do inconsciente, havia uma associação da defesa à origem do inconsciente, pois este era concebido como instituído pelo recalque originário e seu conteúdo era assemelhado ao recalcado. Já durante os estudos sobre o inconsciente nos artigos de metapsicologia, Freud afirma que “o recalcado não abarca todo o inconsciente” (1915a, p.19). Apesar de essa ideia não ser explorada a fundo nesse período, tal afirmação demove a ideia de que o inconsciente é apenas originado e sustentado pelo recalque. Os tipos de inconsciente são bem detalhados em “Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente em psicanálise” (1912a). O inconsciente descritivo compreende as representações “cuja existência admitimos, com base em outros indícios e evidências” (1912a, p.84). Por ser o mais geral, o inconsciente descritivo foi o primeiro a ser admitido, já que o psíquico não pode ser resumido apenas àquilo que está presente na consciência. Freud demonstra que aquilo que está latente não deve ser tido como inativo, pois, apesar de escapar à consciência, pode produzir efeitos que são demonstrados não só pela sugestão pós-hipnótica, como também pelos próprios sintomas notados em sua experiência clínica. Isso leva a uma visão dinâmica, que diferencia uma ideia simplesmente latente (pré-consciente) de uma inconsciente propriamente dita. A concepção de um inconsciente ativo justifica bem o porquê de a defesa ter de se processar continuamente e isso nos remete diretamente ao conceito de pulsão, que estava em maturação no mesmo período que o de inconsciente.

A expressão da resistência é consequência da atividade inconsciente, já que, se não fossem ativas, uma vez repelidas, as representações permaneceriam afastadas da consciência. Ao final das esclarecedoras reflexões freudianas sobre o inconsciente em 1912, o inconsciente é definido como um sistema dotado de leis próprias que diferem bastante das atividades conscientes e não mais como uma característica ou processo psíquico.

Como já foi exposto, censura e defesa podem ser assemelhadas na primeira tópica a partir da função de evitar o desprazer que lhes é comum, apesar da primeira

configurar-se como uma instância crítica, ao contrário da segunda. Assim, se for empreendida uma reflexão acerca da localização dos processos defensivos, percebemos que a censura desempenha seu papel no limite entre o inconsciente e o pré-consciente/consciência. Descritivamente, essa função é inconsciente, mesmo sem estar no sistema inconsciente e, portanto, não compartilhar de suas características. Tal demonstra um ponto fraco da estrutura do aparelho psíquico na primeira tópica: a existência de eventos psíquicos que não estão submetidos ao processo primário e, no entanto, são inconscientes.

A nova visão da sexualidade e a introdução do conceito de pulsão no início do século XX influenciaram claramente a teoria da defesa. Os representantes representativos [*Vorstellungsrepräsentanz*] da pulsão encontram-se sob forte efeito do recalque, pois a pulsão é para o aparelho psíquico um estímulo interno constante do qual ele não tem recursos para se esquivar e, quando não há meio de satisfazê-lo, são empreendidos processos defensivos. Tais representantes permanecem ativos no inconsciente, como já foi exposto, e seus efeitos se produzem nas formações do inconsciente, que vão desde eventos cotidianos até sintomas que podem levar o sujeito a buscar tratamento. Com as teorizações sobre o modo de funcionamento inconsciente, a realidade psíquica passou a dar relevo às expressões fantasiadas dos desejos e, dessa forma a defesa não era mais empreendida em relação a algo real, mas a algo que era julgado como tal. Resultou disso o abandono da teoria do trauma foi abandonada e as fantasias infantis passaram a protagonizar as bases da formação da neurose.

Depois de ter discorrido sobre os aspectos centrais da defesa durante a primeira tópica, Freud passa a dar maior atenção à resistência, antes tida como a forma pela qual se apresentavam esses processos na clínica.

Nos primeiros anos de construção da psicanálise, a concepção de resistência e técnica de tratamento das neuroses relacionavam-se muito estreitamente. Pode-se considerar que foram os entraves ao trabalho analítico, sob a forma de resistência, que mobilizaram as mudanças na técnica. Em seu livro "Interpretação dos sonhos", Freud definiu resistência como "tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico" (1900, p.548) e associou-a intimamente à censura. Além disso, a resistência é um dado clínico indicativo do processo de recalque, então, ela não funciona apenas como um entrave, mas também sinaliza que determinado conteúdo merece atenção no tratamento analítico.

As técnicas empregadas por Freud no tratamento das afecções psíquicas mudaram bastante ao longo da história da psicanálise. Em um primeiro momento, ao lado de Breuer, ele fez uso do método catártico, o qual, a princípio, esteve estreitamente

ligado à hipnose e constituiu um retrato do período de transição entre a prática do hipnotismo e a invenção do método psicanalítico, que assumiu como regra fundamental a associação livre. Apesar de a cura ter se mantido como finalidade do tratamento, houve uma mudança significativa, pois o motor do processo não está mais ligado ao efeito catártico da ab-reação. O foco agora encontra-se na transferência, nas resistências e nas elaborações do paciente em torno disso. Nas palavras de Freud (1914b, p.163): “a tarefa transformou-se em descobrir, a partir das associações livres do paciente, o que ele deixava de recordar. A resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação e por dar a conhecer os resultados desta ao paciente”.

A técnica analítica, tal como foi descrita em “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914b), empregava a arte da interpretação, através da qual as resistências, consideradas como devidas ao recalque e, portanto, desconhecidas do paciente, eram identificadas para serem tornadas conscientes para ele. Freud atentou, contudo, para o fato de que não bastava comunicar ao paciente as resistências e relatou casos nos quais tal procedimento só fez com que essas se agravassem. Na verdade, esse comunicado consiste apenas no primeiro passo, ao qual se segue o período de elaboração. Essa tarefa de elaboração, apesar de árdua, é “a parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tratamento por sugestão” (Freud, 1914b, p.171). Ao vencer as resistências, são preenchidas lacunas na memória, pois o conteúdo até então inconsciente pode tornar-se consciente. Nesse ponto também está outra diferença fundamental entre os métodos anteriores e a psicanálise propriamente dita: não é especialmente enfatizado o saber em si, mas sim as resistências que ocasionaram e sustentaram o estado de desconhecimento de alguns conteúdos.

O objetivo do trabalho analítico é rastrear a libido que, no processo de desencadeamento de uma psicose, entrou em um curso regressivo e reinvestiu fixações infantis. Ao encontrá-la, “todas as forças que fizeram a libido regredir se erguerão como ‘resistências’ ao trabalho de análise, a fim de conservar o novo estado de coisas” (Freud, 1912b, p.114). A responsabilidade sobre a maior parte da resistência recai, contudo, na atração que o inconsciente exerce continuamente sobre a libido devido ao recalque dos representantes pulsionais e de suas produções. Sendo assim, as duas fontes de resistência descritas por Freud (1912b) são efeitos da regressão da libido e da atração do inconsciente ocorrida em consequência do recalque. É dever da análise “lutar contra as resistências oriundas de ambas as fontes” (1912b, p.114).

Após mapear as origens das teorizações freudianas sobre defesa e resistência, pode-se perceber que a relação entre os dois conceitos permaneceu, de certo modo, estável ao longo da primeira tópica. A resistência aparecia sempre como uma consequência da defesa, mesmo quando na forma de transferência.

### **Desdobramentos da teorização freudiana sobre a defesa**

Em "Além do Princípio do Prazer" (1920), Freud introduziu um novo dualismo pulsional, onde procurou investigar as fontes de desprazer. Para além da postergação do prazer em nome de garantias à conservação do indivíduo, através do princípio de realidade, também há uma fonte de liberação de desprazer proveniente "dos conflitos e clivagens próprios ao processo de desenvolvimento do Eu em direção a organizações psíquicas mais complexas" (1920, p.138). No citado texto surge a hipótese de que o ímpeto de processar psicicamente e assenhorar-se de vivências que foram impressionantes seria um evento primário e independente do princípio do prazer. Na busca de tendências que agem de modo independente do princípio do prazer, Freud retoma sua trajetória clínica e encontra mais alguns eventos relacionados a uma repetição de desprazer.

Freud (1920) divide seu percurso clínico em duas etapas. Durante a primeira, "o trabalho do médico analista restringia-se a decifrar o inconsciente ainda não conhecido do doente, organizar seus elementos e comunicá-los ao paciente no momento oportuno" (1920, p.144), ou seja, tratava-se essencialmente de uma arte de interpretação. Já no segundo momento, a ênfase do tratamento foi deslocada para as resistências do paciente e o papel do analista consistia em desvelar essas resistências, mostrá-las ao indivíduo e convencê-lo a abrir mão delas. Surgiu, no entanto, um obstáculo ao objetivo de tornar consciente o inconsciente: podia ocorrer de o paciente não se lembrar de tudo aquilo que estava recalcado e que justamente lhe escapasse o mais importante: "na verdade, ele se vê mais forçado a *repetir* o recalcado como se fosse uma vivência do presente do que [...] a *recordá-lo* como sendo um fragmento do passado" (1920, p.144, grifado no original). Essa compulsão à repetição demonstra, muitas vezes, a força do recalcado. Os fenômenos da transferência evidenciam claramente isso, pois, nesse contexto, muitas das situações afetivas dolorosas vividas na infância são repetidas, principalmente no que se refere à cicatriz narcísica deixada pelo complexo de Édipo. Freud conclui que a compulsão à repetição ultrapassa o princípio do prazer e deve, então, ser investigada que função ela assume na vida psíquica.

Apesar de o texto "Além do princípio do prazer" (1920) não trazer uma reformulação da teoria da defesa, ele tem sua importância reconhecida por tratar de questões ligadas ao desprazer e é disso que o sujeito se defende. Ao longo desse trabalho, Freud percebeu que não se tratava de algo contrário ao princípio do prazer, mas sim algo que era anterior e se sobrepunha a ele. Dessa forma, a defesa continua a ser direcionada aos fatores de desprazer, ou seja, a fontes de estímulo externas ou internas capazes de prejudicar a integridade do indivíduo. Porém, a compulsão à repetição é apresentada como uma tendência do psiquismo que antecede a defesa.

Na primeira tópica do aparelho psíquico, a defesa, localizada no ponto limítrofe entre o inconsciente e a consciência e, de certo modo, associada à censura, era empreendida pelo eu, o qual desempenhava os papéis relacionados a ela e à mediação entre o indivíduo e a realidade e, apesar de ser considerado como a sede da consciência, não possuía localização tópica. Com o texto "À guisa de introdução ao narcisismo" (1914a), o conceito de eu foi melhor delimitado e foi introduzido o termo ideal-de-eu. Em 1920, Freud volta a discorrer sobre o eu, afirmando que grande parte do eu é em si mesma inconsciente (1920, p.145) e nele estaria a sede das resistências (1923, p.31).

Surgido através "do processo de diferenciação que se deu na superfície do id" (Freud, 1923, p.38) devido às percepções do mundo externo, o eu, além de promover a defesa, também é, de certo modo, formado e alterado por ela. Assim, pode-se perceber que a defesa é essencial na formação do sujeito (1930, p.76), que "se constitui e se afirma a partir das origens pulsionais da operação de juízo, que, em princípio, são a incorporação do que é considerado como bom e a recusa do que é tido como nocivo" (Fontenele, 2006, p.3). Os processos defensivos não são, contudo, importantes somente para a fundação do eu, mas continuam imprimindo efeitos durante toda sua existência.

O eu, tal como na primeira tópica, é o promotor da defesa. Agora, contudo, passou a ser considerado como um sistema específico que atua como um administrador das exigências do isso, do mundo externo e do supereu. Como o eu já era encarregado da defesa, as reflexões que podem ser trazidas aqui se referem muito mais às relações entre as instâncias. A defesa, essencialmente, obedece ainda ao mesmo princípio de evitar o desprazer que aflui não só das exigências pulsionais do isso, mas também da realidade, na medida em que ela cerceia a realização de desejos, e da ameaça constante de ser criticado pelo supereu. É do fracasso das defesas do eu no manejo das diversas exigências que lhe são feitas, que surge o adoecimento neurótico (Freud, 1924a, p.95-96). O conceito de isso contribuiu essencialmente para uma visão menos potente do eu, pois o inconsciente não recalcado adquiriu dimensões muito

consideráveis. É do isso, caracterizado como terreno de expressão dos representantes pulsionais onde a realidade e os valores morais não são ponderados, que surge o eu. Assim, o eu também é servo do isso, apesar de defender-se das constantes exigências pulsionais, que chegam através do isso, ele só o faz na medida em que a satisfação delas ocasione desprazer, seja por limitações oriundas do mundo externo ou por depois ser alvejado pelas críticas hipermorais do supereu.

Até este ponto, a resistência foi localizada no eu, visto que este é o promotor da defesa. Contudo, em "Inibições, sintomas e ansiedade" (1926), Freud ressalta que "mesmo após o ego haver resolvido abandonar suas resistências ele ainda tem dificuldades em desfazer as repressões". Entretanto, pode ser, que, mesmo após vencer essa resistência do eu, "o poder da compulsão à repetição [...] ainda tenha de ser superado" (Freud, 1926, p.155). esse texto, então, Freud esclarece que as resistências também surgem em outras instâncias do psiquismo, não derivando somente dos mecanismos de defesa.

O recalque foi, por excelência, o mecanismo de defesa mais estudado por Freud, chegando até, em alguns momentos a se confundir com o próprio conceito de defesa. Somente em "Inibições, sintomas e ansiedade" (1926), ele tomou como necessária a delimitação do uso dos dois termos, sendo o recalque um mecanismo específico de defesa, ao lado de outros. O mecanismo da projeção foi apresentado por Freud em 1894, mas só foi nomeado dois anos depois (1896c). Em 1920, passou a ser entendido como o mais arcaico mecanismo de defesa: "trata-se de uma tendência a lidar com essas excitações internas como se elas viessem do exterior" (1920, p.153).

Há ainda outros mecanismos de defesa a serem explorados. Em "Inibições, sintomas e ansiedade", Freud, apresenta a regressão como uma importante auxiliar para o recalque (1926, p.108). Outro mecanismo de defesa que merece nossa atenção é a denegação, através do qual um desejo inconsciente é expresso negativamente na consciência. Segundo Freud, o ato de negar (*Verneinen*) é o substituto intelectual do recalque (1925, p.148). Esse termo já era usado desde os "Estudos sobre a histeria" (1895b) para expressar as situações nas quais "o recalcado era reconhecido de maneira negativa, sem ser aceito" (Roudinesco et Plon, 1998, p.145). No entanto, somente em 1925 um texto foi dedicado ao termo. É importante ressaltar a diferenciação entre denegação (*Verneinung*) e renegação (*Verleugnung*).

"Na perspectiva freudiana, a denegação é diferente da renegação, introduzida em 1923 e depois teorizada, em 1927, a propósito do fetichismo. Este último termo, também composto pelo prefixo *Ver-*

(privativo), remete a um mecanismo de negação próprio da psicose e da perversão” (Roudinesco et Plon, 1998, p.145)

A ideia de renegação foi proposta a respeito das reações infantis à distinção anatômica entre os sexos em 1923, caracterizando uma recusa do sujeito em admitir uma percepção desprazerosa, referindo-se em especial à ausência de pênis na mulher. Em “O fetichismo” (1927), Freud propõe que para sustentar a recusa da realidade é preciso que ocorra uma cisão no eu, de modo que uma atitude ajustada ao desejo e outra ajustada à realidade possam coexistir.

A questão da cisão do eu foi abordada por Freud em um texto inacabado datado de 1938. Segundo esse texto, diante de uma ameaça de enfrentar um perigo real quase insuportável caso continue a atender as exigências pulsionais as quais está submetido, o eu infantil “terá então que optar por reconhecer a existência desse perigo real, submeter-se a ele e renunciar a satisfação pulsional, ou renegar (*Verleugnen*) a realidade” (Freud, 1938, p.173-4). Ao optar por seguir os dois caminhos ao mesmo tempo, o resultado só é “alcançado ao preço de um rompimento na tessitura do eu, a qual não mais cicatriza, ao contrário, só aumenta à medida que o tempo passa. Assim, as duas reações opostas com as quais o eu respondeu ao conflito passam a subsistir como núcleo de uma cisão no eu” (1938, p.174). Apesar de não ser uma defesa, mas uma consequência de uma defesa, a cisão do eu foi estudada aqui por ser essencial ao esclarecimento do mecanismo de renegação.

Depois de ter examinado alguns tipos de defesa, é importante então trazer ao foco suas consequências, as quais são conhecidas em especial pela forma como se apresentam na clínica. De modo mais específico, a atenção deste trabalho recairá sobre os fracassos da defesa, ou seja, quando ela não alcança seu principal objetivo, que é a evitação de desprazer.

### **Os fracassos da defesa e suas consequências clínicas**

Desde suas primeiras publicações psicanalíticas, Freud concebia os sintomas como formações de compromisso entre as forças recalçadas e as recaladoras ocasionadas pelo retorno das lembranças recalçadas, isto é, pelo fracasso da defesa (Freud, 1896c, p.169-170). Além de considerá-lo como fruto de algo intrínseco ao indivíduo e não um simples efeito de algo externo, sua formação obedece a princípios que foram descobertos em conjunto com o inconsciente, que são basilares para explicar diversos fenômenos, tais como sonhos e atos falhos. Freud muito cedo observou haver casos “em que um paciente *deseja* estar doente e se apegua à sua doença, isso acontece,

geralmente, porque a doença é considerada uma arma protetora contra sua própria libido – ou seja, porque ele desconfia de si mesmo” (1897, p.299, grifado no original). No decorrer de suas investigações, Freud concluiu que “os sintomas representam a atividade sexual do doente” (1906, p.264). Assim, as reflexões psicanalíticas sobre o sintoma modificam bastante a visão que se tem do doente: ao invés de mera vítima, ele é um sujeito cujas causas, consequências e benefícios, difíceis de abandonar, desempenham um papel muito importante. Freud ressalta que “os resultados de uma doença dessa natureza nunca são involuntários; na realidade, o que parece ser a *consequência* da doença é a *causa* ou *motivo* de ficar doente” (1909, p.175, grifado no original). Contudo, ele nos alerta para “o perigo de exagerar a importância de uma adaptação secundária dessa espécie a um sintoma, e de afirmar que o ego criou o sintoma simplesmente para fruir de suas vantagens” (1926, p.102).

O eu é uma organização e, ao mesmo tempo em que empreende sua luta contra o sintoma, defesa secundária, também utiliza “todos os métodos possíveis para agregá-los a si de uma maneira ou de outra, e para incorporá-los em sua organização por meio desses vínculos” (Freud, 1926, p.102). Nesse ponto, é interessante discorrer sobre que consequências os mecanismos de defesa trazem para o eu. Segundo Freud, “o efeito ocasionado no ego pelas defesas pode ser corretamente descrito como uma ‘alteração do ego’” (1937a, p.255). Os mecanismos de defesa prestam grande serviço ao eu, mas, além de serem muito dispendiosos, não são abandonados após terem servido ao eu em momentos difíceis (1937a, p.254).

O eu tem por função manejar situações conflituosas em suas fronteiras, nesse sentido a perda da realidade é um tópico importante. Em “Neurose e psicose” (1924a), Freud definiu em uma fórmula simplificada a diferença entre estas duas estruturas: “a neurose seria o resultado de um conflito entre o eu e o id, ao passo que a psicose seria o resultado de uma perturbação nas relações que o eu mantém com o mundo externo” (1924a, p.95). No entanto, em um texto escrito no mesmo ano, ele defende que a neurose não está imune a uma perda da realidade. Nela, o afrouxamento das relações com a realidade é consequência do fracasso do recalque e isso afeta “justamente aquela parcela da realidade cujas exigências intoleráveis desencadearam o recalque contra a pulsão” (1924b, p.127). Na psicose, a perda da realidade teria duas fases: “primeiro, o eu seria arrastado para longe da realidade e, em seguida, para reparar o dano, restabelecer-se-ia, então, uma nova relação com a realidade à custa do id” (1924b, p.128). Em ambos os casos, a defesa falha: na psicose, a parte da realidade tenta continuamente se reimpôr ao mundo psíquico, enquanto na neurose, quem o tenta é a pulsão recalçada, gerando, assim, desprazer.

Ainda sobre as falhas nos mecanismos de defesa, é importante discorrer sobre a questão da angústia, que foi abordada, em um primeiro momento, como produto do processo defensivo e, depois, como sua causa. A angústia, nas neuroses atuais, foi tida como resultado da transformação da libido devido seu represamento. Já no texto sobre o recalque (1915b), a mesma foi teorizada como sendo fruto da transformação do afeto após ele ter sido separado da representação que foi recalçada, caso que ocorre na histeria de angústia. A sua retomada em 1926 se dá a partir de sua redefinição por Freud, que passa a emprega-la no sentido de uma reação a um perigo essencialmente ligado ao desamparo psíquico, tornando-se, então, o motor dos processos defensivos. A angústia, assim, indica perigo e permite que o Eu reaja através de uma defesa.

Como já exposto, a defesa relacionou-se com a prática clínica desde o início da psicanálise, pois a resistência, assimilada então como sua manifestação, era o motor das transformações na técnica. Resta-nos agora investigar os principais escritos técnicos de Freud posteriores a 1920, que são "Análise terminável e interminável" (1937a) e "Construções em análise" (1937b), para extrair deles a última posição de Freud sobre as manifestações dos mecanismos de defesa na clínica.

### **As defesas e o final de uma análise**

Em "Análise terminável e interminável" (1937a), Freud trata essencialmente dos obstáculos ao trabalho analítico e questiona-se sobre o que poderia ser considerado como final de uma análise. Em um primeiro momento da técnica, o final de uma análise consistiria numa total transformação do inconsciente em consciente, de modo mais enérgico, numa integração das pulsões ao eu, que eliminaria a fonte sintomática, e num esgotamento da transferência, possibilitaria que a libido fosse redirecionada para a vida do paciente, que estava bastante limitada desde o início de seu sofrimento neurótico. Ele expõe também duas outras ambições terapêuticas na tentativa de garantir que não existam sofrimentos psíquicos futuros. São elas: proteger o paciente de conflitos psíquicos futuros (como uma vacinação) e a ativação de conflitos latentes para que sejam logo tratados. Tais fins profiláticos fracassam, contudo, pois não há como fazer algo dessa natureza no tratamento analítico, ou seja, mesmo analisando as resistências e esgotando a transferência não é possível um tratamento profilático, pois "se um conflito instintual não está presentemente ativo, se não está manifestando-se, não podemos influenciá-lo, mesmo pela análise" (1937a, p. 247).

Contudo, não apenas as ambições terapêuticas preventivas foram questionadas, mas também restaram dúvidas sobre a extensão da tentativa de eliminação do conflito

psíquico através da transformação do conteúdo inconsciente em consciente e da integração das pulsões ao eu. Com a segunda tópica, pôde-se perceber que a resistência é própria da forma como o aparelho psíquico se estrutura: “se avançarmos um passo adiante em nossa experiência analítica, nos deparamos com resistências de outro tipo, que não mais podemos localizar e que parecem depender de condições fundamentais do aparelho psíquico” (Freud, 1937a, p. 258).

Assim, conforme nos aponta Martins (2010), a eliminação completa das resistências e da integração da pulsão ao eu, através dos artifícios técnicos propostos antes de 1920 tornou-se inviável. Ao revelar as resistências, o analista verifica que “há uma resistência contra a revelação das resistências” (Freud, 1937a, p.255), a qual se relaciona com as alterações do eu ocasionadas pela defesa. Há ainda a resistência proveniente da pulsão de morte, que se traduz pela rigidez diante das tentativas de amansar os excessos pulsionais, inércia psíquica e esgotamento da plasticidade (1937a, p.259). Freud descreve também a existência da resistência transferencial, que toca na questão da diferença sexual. Segundo ele, são vãos os esforços analíticos quando esbarram na questão da inveja do pênis na mulher e no medo da castração no homem. Diante disso, Freud propõe as construções em análise, um trabalho que funciona no sentido de “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si, ou, mais corretamente, *construí-lo*” (1937b, p.276, grifado no original). Assim, o “artifício técnico das construções contorna os limites do trabalho de recalque, limites expressos em uma impossibilidade de elaboração psíquica dos excessos pulsionais” (Martins, 2010, p. 42).

O quadro final freudiano da técnica psicanalítica aponta para a missão analítica de “garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego” (Freud, 1937a, p.267), ambição mais modesta se comparada a da primeira tópica. A despeito de haver resistência no eu, é com ele que o analista faz um pacto através do comprometimento em relação à obediência da regra fundamental e, em compensação, o analista busca devolver ao eu do paciente “o domínio sobre regiões perdidas de sua vida mental” (1940, p.188).

Freud realizou, ao longo de seu percurso, diversos ajustes em sua técnica e reformulações de sua teoria. As resistências e, entrelaçada a elas, a questão da defesa, sempre estiveram no cerne dessas revisões mudanças, pois, amiúde, mostraram-se como obstáculos ao tratamento, fato que o motivou a buscar novas formas de manejo clínico de tais dificuldades. Vale ressaltar que as propostas técnicas freudianas sempre tiveram o intuito de combater ou contornar as resistências, mas

não as defesas. Estas sempre foram compreendidas como inerentes ao funcionamento do psiquismo, mesmo diante da ausência de manifestações patológicas.

As limitações das perspectivas curativas do tratamento analítico, decorrentes da estrutura do aparelho psíquico, evidenciadas por Freud a partir de 1920, não foram bem aceitas por muitos dos seus pares contemporâneos e também pelos pós-freudianos. Muitos não compreenderam ou não aceitaram tais mudanças e acabaram por retomar a teoria e a técnica anteriores a essa época e propor novas mudanças que, contudo, não ajudaram no sentido de conseguir seus objetivos. Os sintomas e as resistências trazem para o contexto analítico a expressão de um conflito e de um desejo que busca ser reconhecido. Assim, as saídas freudianas apontadas para os problemas das resistências, embora modestas e cientes de suas limitações, mostraram-se fiéis aos reais propósitos da análise.

A psicanálise se constituiu como técnica a partir da valorização da questão da resistência, que não era algo a ser suspenso como era feito quando do uso da hipnose, mas algo a ser elaborado ao longo do processo analítico. Com isso, há um respeito ao sujeito e implicação dele no processo analítico, pois, para a psicanálise, ele não é simples vítima de seus sintomas. Aliás, o sintoma foi a saída que ele encontrou para um conflito e, por isso, apega-se tenazmente a ele. A resistência que, em um primeiro momento era vista como efeito da defesa e referia-se apenas ao recalco, adquiriu nova configuração com a segunda tópica. Em especial a resistência da pulsão de morte e a proveniente do rochedo da castração configuraram-se como fortes obstáculos à cura. Freud teve então, que reconhecer as limitações da psicanálise. Esse tratamento não visa a total normatização do sujeito, a integração das pulsões ao eu ou a prevenção contra sofrimentos futuros. Seu objetivo é buscar garantir ao eu as melhores condições psicológicas para o exercício de suas funções. Para alcançar isso é necessário manter a confiança nos poderes da fala. Segundo Lacan:

“Vemos pois que Freud, longe de desconhecer a resistência, serve-se dela como uma disposição propícia ao acionamento das ressonâncias da fala, e se conforma, na medida do possível, com a definição inicial que forneceu da resistência, servindo-se dela para implicar o sujeito em sua mensagem” (Lacan, 1953, p.292).

Reside aí um dos principais valores da psicanálise: o respeito pelo que é expresso pela fala, pois dela depende a emergência do sujeito. Foi na tentativa de compreensão do funcionamento do aparelho psíquico, do que levava ao adoecimento do paciente, que Freud pôde teorizar sobre a defesa. As suas palavras a respeito de seu “Projeto para uma psicologia científica” (1895a) demonstram a significativa importância do tema

para ele: "Afinal, eu queria apenas explicar a defesa, mas, quando dei por mim, estava tentando explicar algo que pertence ao próprio núcleo da natureza. Tive que elaborar [...], em suma, a psicologia inteira" (Freud, 1895a, p.336). Desenvolvida no intuito de mapear a trajetória do conceito de defesa, ressaltando suas relações com as resistências, esta pesquisa acabou revelando-se muito mais abrangente. Na trama de conceitos da psicanálise, a defesa ocupa uma posição fundamental e a trajetória do uso desse termo confunde-se com a própria evolução da psicanálise.

A defesa também assumiu no contexto pós-freudiano lugar de destaque. Anna Freud, em seu livro *O ego e os mecanismos de defesa*, caracteriza o *ego* (eu) de modo assemelhado à consciência e à pessoa. Diante desse destaque sobre a sede da defesa, "o objetivo da psicanálise passou a consistir em ajudar as defesas da pessoa para consolidar sua integridade" (Roudinesco et Plon, 1998, p.142). Em resumo, a proposta de Anna Freud (1946, p.28) é que o *ego* seja "o objeto de análise, à medida que as operações defensivas em que está perpetuamente empenhado são levadas a efeito inconscientemente e só podem ser trazidas conscientemente à custa de um considerável esforço". Essa concepção de análise do *ego* expandiu-se na corrente da *Ego Psychology* representada em especial por Rudolph Loewenstein, Ernst Kris e Heinz Hartman; privilegiando o *ego* e reduzindo a importância do isso e do nível de discurso inconsciente. O foco no *ego* refletiu-se na clínica analítica norte-americana numa tentativa de fortalecê-lo para que tolere frustrações.

Lacan, no início de seu ensino, dedicou-se a analisar a situação da psicanálise vigente, retomando trabalhos de autores como Melanie Klein, Anna Freud e Ferenczi, procedendo a uma análise crítica das suas propostas de enfrentamento dos obstáculos ao tratamento e um exercício de retorno aos fundamentos freudianos. Além disso, Lacan apontou para uma confusão da resistência com a defesa nas discussões técnicas de alguns pós-freudianos (Lacan, 1955, p.338). A crítica de Lacan demonstra que, ao tratar o sujeito constituinte do sintoma como constituído, Anna Freud toma o eu como "o sujeito objetificado cujos mecanismos de defesa constituem a resistência" (Lacan, 1955, p.338). A consequência clínica dessa confusão da resistência com a defesa do eu é que o "tratamento, portanto, passa a ser concebido como um ataque que postula como princípio a existência de uma sucessão de sistemas de defesa no sujeito" (1955, p.338).

Para discorrer sobre a defesa tanto em Freud quanto em Lacan, é preciso que tomemos como início de nossas reflexões o ponto de partida do sujeito: sua vivência de desamparo absoluto diante da necessidade, "incapaz de aliviá-la e acalmar a excitação interna sem a produção de uma alteração externa que traga o objeto da

satisfação e permita a ação específica apaziguadora” (Braunstein, 2007, p.36). Tal ação específica se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída, por exemplo, pelo grito da criança. Freud pontua que “essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária de *comunicação*, e o desamparo inicial é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (Freud, 1895, p.370, grifado no original). Essa ação do próximo promove uma vivência de satisfação, tornando possível a sobrevivência do organismo, mas também marca seu psiquismo com o desejo, buscando em uma nova situação de urgência, reativar a percepção da vivência de satisfação (1895, p.371).

Essa posição primitiva implica não somente um desamparo em relação às suas necessidades orgânicas, mas também estar sem recursos diante do desejo do Outro, pois é nesse drama da relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial, não somente da neurose, mas de qualquer outra estrutura analiticamente definida (Lacan, 1959, p.452). O modo de posicionamento do sujeito frente ao desejo do Outro é um aspecto essencial de diferenciação entre os tipos clínicos. Na clínica das neuroses desponta o “pedido de socorro do sujeito para sustentar seu desejo para sustentá-lo em presença e frente ao desejo do Outro para se constituir como desejante. [...] em cada caso ele apela a uma coisa e se apresenta numa posição terceira em relação a esse desejo do Outro” (Lacan, 1959, p.456).

Lacan ressalta que o processo de constituição do sujeito como desejante é profundamente marcado por “um perigo que constitui essa inclinação ao desejo. De sorte que, constituindo-se como desejante ele não se apercebe de que na constituição de seu desejo ele se defende contra algo, que seu desejo mesmo é uma defesa e não pode ser outra coisa” (1959, p.456). A neurose, aponta Braunstein (2007), é uma defesa contra o gozo em um duplo sentido: se, por um lado, o protege de um acesso a um gozo desmedido, por outro, se refere também a um gozo que está protegido. Nesse sentido, a Lei desempenha papel fundamental na medida em que é ela que permite o acesso ao desejo, seu principal meio de se defender de um gozo invasivo, e de ter acesso ao gozo fálico.

Em seu ensino, Lacan situa a questão da defesa para além das resistências que emergem na clínica, alertando que a confusão entre as duas faz com que o analista negligencie que o próprio eu se forma do mesmo modo que um sintoma, exaltando suas características expressas para além da fala e desvalorizando a autenticidade do discurso do sujeito (1955, p.338-9). Ao investigar aquilo que mais marca o sujeito em torno do qual a psicanálise constrói sua teoria e prática, ou seja, o desejo, Lacan retomou o tema da defesa. Por um lado, reforçou o que Freud disse, ao situar a defesa

como própria do funcionamento do psiquismo, mas, por outro, foi além dele ao demonstrar que o desejo é uma defesa.

Dessa forma, a questão da defesa, embora tenha tido destaque principalmente no início da obra freudiana, mostra-se atual, na medida em que é essencial considerá-la para a compreensão dos casos clínicos e para o manejo do tratamento psicanalítico legítimo.

### Notas

1. Este texto faz parte da pesquisa de mestrado de Joselene Monteiro Silva, bolsista financiada pela CAPES, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e orientada pela Profa. Dra. Laéria Bezerra Fontenele.
2. Dizendo de outro modo: trata-se da atribuição de uma qualidade de inconsciente ou não a determinada instância psíquica e, no caso, mais especificamente ao eu inconsciente. Torna-se, portanto, oportuno traçar a genealogia do conceito de defesa a partir do entendimento freudiano e lacaniano da relação entre resistência, instâncias psíquicas e o trabalho do analista. Este trabalho tem como consequência enfatizar as proposições técnicas, entendidas como diretrizes que permitem nortear a condução dos tratamentos, ou seja, do que se apresenta na experiência clínica enquanto momento em que se evidencia o modo como o sintoma se relaciona à estrutura.

### Referências bibliográficas

- BRAUNSTEIN, Néstor. (2007) **Gozo**. São Paulo: Escuta.
- FONTENELE, Laéria. (2006) A estrutura neurótica, in **Anais do 11º Encontro de Psicanálise da UFC: a clínica psicanalítica**. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 1-7.
- FREUD, A. (1946) **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 1-149.
- FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. II, p. 39-53.
- FREUD, S. (1894) Neuropsicoses de defesa, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. III, p. 53-77.
- FREUD, S. (1895a) Projeto para uma psicologia científica, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. I, p. 333-454.

- FREUD, S. (1895b) Estudos sobre a histeria, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. II, p. 1-316.
- FREUD, S. (1896a) Rascunho K, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. I, p. 267-276.
- FREUD, S. (1896b) A hereditariedade e a etiologia das neuroses, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. III, p. 143-155.
- FREUD, S. (1896c) Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. III, p. 163-183.
- FREUD, S. (1897) Rascunho L, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. I, p. 297-300.
- FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IV e V.
- FREUD, S. (1906) Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. VII, p.255-265.
- FREUD, S.(1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. X, p. 135-273.
- FREUD, S. (1912a) Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente em psicanálise, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004, vol. I, p. 79-93.
- FREUD, S. (1912b) A dinâmica da transferência, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII, p. 107-119.
- FREUD, S. (1914a) À guisa de uma introdução ao narcisismo, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004, vol. I, p. 95-131.
- FREUD, S. (1914b) Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII, p. 159-171.
- FREUD, S. (1915a) O inconsciente, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, vol. II, p. 13-74.
- FREUD, S. (1915b) O recalque, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004, vol. I, p. 175-193.
- FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, vol. II, p. 121-198.

- FREUD, S. (1923) O eu e o id, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007, vol. III, p. 13-92.
- FREUD, S. (1924a) Neurose e psicose, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007, vol. III, p. 93-102.
- FREUD, S. (1924b) A perda da realidade na neurose e na psicose, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007, vol. III, p. 125-134.
- FREUD, S. (1925) A negativa, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007, vol. III, p. 145-157.
- FREUD, S. (1926) Inibições, sintomas e ansiedade, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XX, p. 79-171.
- FREUD, S. (1927) O fetichismo, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007, vol. III, p. 159-170.
- FREUD, S. (1930) O mal-estar na civilização, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI, p. 65-148.
- FREUD, S. (1937a) Análise terminável e interminável, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII, p. 223-270.
- FREUD, S. (1937b) Construções em análise, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII, p. 271-287.
- FREUD, S. (1938) A cisão do eu no processo de defesa, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007, vol. III, p. 171-179.
- LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem, in LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 238-324.
- LACAN, J. (1955) Variantes do tratamento padrão, in LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 325-364.
- LACAN, J. (1958-59) **O seminário. Livro 6: o desejo e sua interpretação**. Publicação não comercial. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. (2001) **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.
- MARTINS, Ana Carolina Borges Leão. (2010) **O percurso do conceito de final de análise de Freud a Lacan**. Dissertação de mestrado em psicologia. Universidade Federal do Ceará, Orientada pela Profª Drª Laéria Bezerra Fontenele, 2010. 137 f.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

---

**Resumos****Considerations on the path of the concept of defense in Freud's work and its continuation by Lacan**

The article presents the evolution of the concept of defense in Freud's work, its relations with the structure mode of the psychism and its symptomatic production resumed in the teachings of Lacan. Starts from the study of pre-psychoanalytic texts to analyze the foundations of Freud's concept of defense, then related to resistance treated as a clinical reflection of repression. It then examines the relationship between resistance and analytical clinic in the first topic and the role of the self as a promoter of self-defense. Then, the article analyzes the reflexes of the second topic in relation to the concept of defense. Finally, it focuses on the clinical implications of the failure of defense mechanisms causing formations such as symptoms and changes of the self. In Lacan, the defense is taken from his criticism of the post-Freudian analysis and defenses, as well as his understanding of desire constituted as a defense against enjoyment.

*Keywords:* Clinical psychoanalytic defense, strength, joy.

**Considérations à propos du concept de défense dans l'oeuvre de Freud et sa continuation par Lacan**

L'article présente l'évolution du concept de défense dans l'oeuvre de Freud, ses relations avec le mode dans se structure le psychisme et sa production symphômatische reprise dans l'enseignement de Lacan. Il part de l'étude des textes prépsychanalytiques pour analyser les fondements de la notion freudienne de la défense, alors liée à une résistance clinique traitée comme un reflet du refoulement. Il examine ensuite la relation entre la résistance et d'analyse du premier thème clinique et rôle de promoteur de la légitime défense. Ensuite, l'article contient les réflexes de la deuxième sujet par rapport à la notion de défense. Enfin, il met l'accent sur les implications cliniques de l'insuffisance des mécanismes de défense causant des formations telles que les symptômes et les changements Du soi. Chez Lacan, la défense est prise à partir de sa critique de l'analyse post-freudienne et de ses défenses, ainsi que sa compréhension du désir constitué comme une défense contre la jouissance.

*Mots-clés:* clinique psychanalytique de la défense, la force, la jouissance.

**Citação/Citation:** FONTENELE, L.B.; SILVA, J.M. Considerações sobre a trajetória do conceito de defesa em Freud e sua retomada por Lacan, in Revista **aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. VII, n. 14, mai. a out. 2012. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus)

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

---

**Recebido/Received:** 05/02/2012 / 02/05/2012.

**Aceito/Accepted:** 18/04/2012 / 04/18/2012.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.